

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Bastien Stil direcção musical

4 Fev 2023 · 18:00 Sala Suggia



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA





Pedro Amaral sobre *Anamorphoses – Trois portraits*.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Pedro Amaral

Anamorphoses — Trois portraits (1998, rev.2021; c.30min)*

1. —
2. Elegia (Enrique X. Macías in memoriam)
3. —

2ª PARTE

Florent Schmitt

La tragédie de Salomé (1907/1910; c.30min)

1. Prélude — Danse des perles
2. Les enchantements sur la mer — Danse des éclairs — Danse de l'effroi

*Estreia mundial da nova versão; encomenda Casa da Música e Câmara Municipal de Matosinhos.

Pedro Amaral

LISBOA, 30 DE JANEIRO DE 1972

Pedro Amaral iniciou os estudos em composição com Fernando Lopes-Graça, em 1986. Graduou-se na Escola Superior de Música de Lisboa (1994) e no Conservatório de Paris, onde obteve o Primeiro Prémio em Composição por unanimidade do júri (1998). Estudou direcção de orquestra com Peter Eötvös (Eötvös Institute, 2000) e Emilio Pomarico (Scuola Civica de Milão, 2001). Na École des Hautes Études en Sciences Sociales, obteve um mestrado em Musicologia Contemporânea (1998) e um doutoramento (2003) com uma tese sobre *Momento*, de K. Stockhausen.

Trabalhou no IRCAM, onde compôs *Transmutations* (1999), *Organa* (2001) e *Script*, para percussão e electrónica (2003), tornando-se presença habitual em muitos dos mais importantes festivais e centros musicais internacionais. As suas óperas *O Sonho* e *Beaumarchais* foram estreadas em Londres (2010) e Lisboa (Teatro Nacional D. Maria II, 2017), respectivamente. Foi compositor residente na Herrenhaus Edenkoben (Alemanha, 2001), na Villa Medici (antigo *Prix de Rome*, 2004/05) e no Palácio Lenzi (Florença, 2006). Professor da Universidade de Évora desde 2007, é membro da Academia de Belas-Artes desde 2017.

Em cada temporada, Pedro Amaral dirige numerosos concertos em Portugal e no estrangeiro, com um repertório amplo que se estende do Classicismo à contemporaneidade. Destacou-se pelas suas interpretações das óperas de Mozart e das grandes sinfonias do Romantismo germânico, bem como pela sua prática do repertório contemporâneo — em particular das obras de Stockhausen, de quem foi assistente.

Foi maestro titular da Orquestra do Conservatório Nacional (2007/08), do Sond'Arte

Electric Ensemble (2007/10) e da Orquestra Metropolitana de Lisboa, funções que acumulou com as de director artístico (2013/20).

Anamorphoses — Trois portraits

Em 1998, *Anamorphoses* constituiu, simultaneamente, a minha peça de final de licenciatura, no Conservatório de Paris, e uma encomenda do Festival Internacional de Música de Macau. Escrevi-a entre Março e Junho daquele ano, a tempo de ser gravada em estúdio, pela orquestra do Conservatório, de modo a ser apresentada no meu exame de final de curso, e de ser estreada em Macau no Outono seguinte.

Dirigida por Renato Rivolta, então maestro assistente do Ensemble intercontemporain, a gravação é um documento notável da excelência, rigor e virtuosismo da orquestra do Conservatório, constituída pelos meus colegas instrumentistas, e valeu-me a mais elevada classificação. A estreia pública, entretanto, teve um percurso atribulado. Como previsto, desloquei-me a Macau, com a então Orquestra Nacional do Porto que, por minha sugestão, seria dirigida por Mark Foster. Ao fim de alguns ensaios, no entanto, persistia a ausência de alguns instrumentos de percussão que não tinham podido ser transportados da Europa nem alugados na região. No último ensaio, e na perspectiva de ver a peça desfigurada pela ausência daqueles instrumentos, pedi ao Mark que parasse os trabalhos, agradei a todos e, perante um caloroso aplauso dos intérpretes, comuniquei ao festival a minha decisão de não autorizar a estreia. O meu amigo João Pereira Bastos, director artístico do festival, programou-a então para o ano seguinte com a Orquestra Gulbenkian, que tinha prevista uma digressão pelo Oriente. A peça teve finalmente a sua estreia em Macau, em Outubro de 1999, pela

Orquestra Gulbenkian sob a direcção de Muhai Tang, sendo retomada em Lisboa, pelos mesmos intérpretes, em dois concertos da Temporada Gulbenkian, em Fevereiro do ano 2000.

Anamorphoses voltaria a ser interpretada pela Orquestra Sinfónica Portuguesa e pela Orquestra Gulbenkian, até 2005; mas eu tenho de confessar que, apesar do seu sucesso público, a peça me parecia bastante insuficiente, pouco desenvolvida, demasiado curta para a espessura do seu material sonoro, prometedor mas um tanto exígua na sua realização. Por outro lado, ao compô-la, tinha deixado de lado elementos que não tinha conseguido integrar — ou por falta de tempo, ou por falta de domínio técnico, ou por dúvidas inquietantes no plano estético, ou talvez por uma soma de tudo isto. A peça incomodava-me e acabei por preferir que não voltasse a ser interpretada antes de uma revisão profunda ou de uma rescrita completa.

Encomendada pela Casa da Música, *Anamorphoses* — *Trois portraits* é o resultado dessa rescrita. De uma peça embrionária com oito ou nove minutos de música, floresceu uma densa partitura orquestral quatro vezes mais extensa. Elementos fugazes, apressadamente expostos na peça original, ganharam espaço e desenvolveram-se amplamente; outros, ausentes na primeira realização, puderam finalmente emergir e ganhar vida ao longo de um difícil processo de escrita em que tentei ser fiel ao rapaz de 26 anos que, em 1998, escreveu a versão original, emprestando-lhe a técnica e a experiência de uma idade mais avançada, e um certo distanciamento. Muitos elementos não caberiam numa peça que hoje compusesse de raiz; mas era imprescindível que os mantivesse, respeitando o seu intento original e as contingências próprias da fase da vida em que foram idealizados.

Trois portraits revela, por outro lado, a extensão de uma homenagem simbólica. Escrita

como peça de final de curso, *Anamorphoses* começava, musicalmente, com um anagrama — ou seja, uma tradução musical — do nome de Emmanuel Nunes, meu professor no Conservatório de Paris. Esse elemento mantém-se e a sua carga simbólica permanece intacta. Mas a peça, na sua versão definitiva, tornou-se um triplo retrato no qual, para além do jovem autor da peça original, emergem as figuras de Peter Eötvös, num “Scherzo” que desenvolve toda a dimensão da palavra — formal, simbólica e *giocosa* —, e do compositor galego Enrique X. Macías, amigo estimado, maravilhoso ícaro tombado prematuramente, em pleno voo.

PEDRO AMARAL, 2023

Florent Schmitt

MEURTHE-ET-MOSELLE, 28 DE SETEMBRO DE 1870

NEUILLY-SUR-SEINE, 17 DE AGOSTO DE 1958

Florent Schmitt foi um prolífico compositor francês e um controverso crítico musical. Galardoado com o *Prix de Rome* em 1900, a sua música foi frequentemente executada até finais da Segunda Grande Guerra; data após a qual caiu num relativo esquecimento e foi intencionalmente negligenciado devido às suas simpatias políticas. Schmitt era fervorosamente nacionalista, o que o levou a aceitar cargos oficiais durante o regime de Vichy, tendo inclusivamente recebido honras do governo do marechal Pétain (1856-1951). Além deste apoio, Schmitt iniciou um protesto anti-semita e pró-Hitler na Sala Pleyel, aquando de um espectáculo que incluía números musicais de Kurt Weill (1900-1950), em Novembro de 1933. Os seus comentários terão incluído vivas a Hitler e a afirmação de que França já teria demasiados maus compositores judeus, pelo que não faria sentido importar mais da Alemanha

— Weill tinha fugido da Alemanha onde era perseguido por ser judeu e abertamente de esquerda. A impetuosidade do crítico Schmitt era publicamente conhecida, por ser comum manifestar-se vocalmente de forma violenta, ora contra os compositores e intérpretes cuja música não lhe agradava, ora contra o público, quando achava que este não aplaudia o suficiente as *performances* que achava extraordinárias. Mas durante o Terceiro Reich, e dado o teor anti-semita do comentário, de cuja reputação Schmitt tentou livrar-se apelando às suas amizades com outros músicos judeus que veio a defender (assinando petições em seu favor), tais comentários tornaram-se inaceitáveis.

Executar música de Schmitt é, nos nossos dias, um acto corajoso, que pode ser interpretado como promoção de anti-semitismo e/ou de fascismo, ou até de um revisionismo historiográfico, não só pelo branqueamento da reputação do compositor, como também através de revisitações e relativizações da sua biografia — algo que acontece na história da música portuguesa com compositores como Frederico de Freitas (1902-1980), ou Joly Braga Santos (1924-1988), ou até as primeiras décadas de actividade de Luís de Freitas Branco (1890-1955). Intermináveis debates discutem a recusa total em ouvir compositores como Schmitt, ou ouvi-los com a necessária perspectiva crítica e distanciamento temporal e geográfico. A música de Schmitt não tinha uma agenda explicitamente política e o compositor chegou até a musicar poemas de autores de esquerda, o que sugere que o que lhe importava era a arte. Ainda assim, é inevitável questionar o significado de uma arte (aparentemente) apolítica, se é que tal existe, sobretudo sabendo que o seu autor pactuou com um regime fascista e fez apologia de um líder nazi. Valerá a obra mais do que o seu autor? Será possível

separar a obra do autor? Poder-se-á apreciar uma obra não concordando com o seu autor? São perguntas válidas que nos devem deter em tais circunstâncias.

Florent Schmitt tem um extenso catálogo que inclui música orquestral e de câmara, peças para piano e dois bailados. Um destes bailados deu origem à obra que hoje escutaremos. A música de Schmitt é, tal como o próprio, se me é permitida a analogia, possível de localizar no tempo e no espaço. A sua linguagem é extremamente francesa e transporta-nos imediatamente para as primeiras décadas do século XX parisiense — e o compositor manter-se-ia fiel a esta linguagem até às suas últimas obras. Há influências de Massenet (1842-1912) e Fauré (1845-1924), seus professores no Conservatório de Paris, mas há também muito orientalismo e impressionismo, e temas e motivos que lembram os seus contemporâneos Debussy (1862-1918) e Stravinski (1882-1971) — a obra hoje apresentada foi precisamente dedicada a Stravinski, e há ecos desta na posterior *Sagração da Primavera* do compositor russo.

La tragédie de Salomé

Em 1907, poucos meses depois da estreia da exótica *Salomé* de Richard Strauss (1864-1949), Robert d'Humières (1868-1915), então director do Théâtre des Arts, quis produzir um bailado baseado no mesmo mito. Escreveu o poema e delegou a Schmitt a parte musical. Estreado numa altura em que o compositor era ainda muito respeitado nos circuitos musicais europeus, o bailado foi muito bem recebido pelo público e crítica parisienses. *A Tragédia de Salomé*, op. 50, hoje apresentada na versão posterior de 1910 (suite sinfónica), é possivelmente a mais conhecida obra de Schmitt. Apesar de a suite ser composta por cinco danças,

e não sete como o bailado, a verdade é que a partitura da suite é bem mais rica, por ser destinada a uma orquestra sinfônica, enquanto o bailado era escrito para uma pequena orquestra de vinte elementos. Nesta *Tragédia de Salomé*, a ação centra-se em Salomé dançando para Herodes, na corte deste último. Contrariamente à sua comum descrição como tentadora sem moral, aqui Salomé é inocente e obediente a sua mãe. Não deseja a morte do profeta, por isso fica horrorizada com a violência da decapitação e é perseguida por visões fantasmagóricas que a levam a uma espiral de medo e culpa. Quanto à música, além do impressionismo francês, podem ouvir-se ecos de um modernismo inspirado em Strauss e Rimski-Korsakoff. A linguagem musical orientalista e a sua sensualidade estão presentes através do uso recorrente do arabesco, mas também do vocabulário impressionista. Quanto à violência da partitura, esta é conseguida através de harmonias dissonantes, bitonalismo em acordes muito presentes e construções rítmicas invulgares — as tais que influenciarão Stravinski — com muitos *ostinati*. A suite está dividida em duas partes: da primeira constam o “Prelúdio” e a “Dança das pérolas”; da segunda, “Os encantamentos do mar”, “A dança dos relâmpagos” e “A dança do terror”.

O luxuriante “Prelúdio” introduz o terraço do palácio de Herodes ao pôr-do-sol. Timbres escuros e ricos, e muitos arabescos, anunciam a atmosfera oriental e o drama apaixonado da história que se seguirá. Na “Dança das pérolas”, as chamas iluminam o anoitecer, enquanto Herodes está pensativo — surge Salomé e, numa alegria quase infantil, dança pela primeira vez frente a Herodes.

A segunda parte começa com “Os encantamentos do mar”. Salomé desapareceu e Herodias espia Herodes na escuridão, perdido

em pensamentos de luxúria e medo. A música transporta-nos para orgias em ambientes obscuros, lembra Sodoma e Gomorra, e surge a tentadora Salomé entre a neblina do mar e os trovões de uma tempestade ao longe. Começa a dançar e Herodes levanta-se. “A dança dos relâmpagos” ilustra a decapitação de João Baptista. Nesta cena, a escuridão domina e visualizam-se apenas fugazmente, durante os relâmpagos, a dança lasciva da Salomé fugidia, perseguida por Herodes. Ele despe-a dos seus véus... Salomé está aterrorizada e tenta fugir das visões sangrentas. Por fim, “A dança do terror” — extremamente violenta, esta partitura ímpar ecoará seis anos mais tarde na *Sagração da Primavera*. Enquanto Salomé dança em delírio infernal, tentando fugir das visões de destruição e morte que a torturam, uma tempestade envolve a cena. Há ventos furiosos, nuvens escuras, um furacão no mar, chuvadas no deserto. As árvores torcem-se e quebram-se ruidosamente, há chamas por todos os lados, é o culminar da tragédia.

HELENA LOPES BRAGA, 2023

Bastien Stil direcção musical

Artista moderno e multifacetado, Bastien Stil tornou-se rapidamente um maestro muito requisitado pela sua interpretação rigorosa e dedicada dos repertórios sinfónico e lírico, tanto em França, como noutros países.

É regularmente convidado pelas orquestras mais importantes (Orquestra Filarmónica da Radio France, Ensemble intercontemporain, Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, Orquestras Nacionais de Bordeaux-Aquitaine, do Capitólio de Toulouse e de Lille, ou Filarmónica de Monte Carlo) para interpretar repertório que se estende de Haydn a obras contemporâneas (Raphael Cendo, David Hudry, Bastien David...). Na temporada de 2021/22, estreou-se à frente da Filarmónica de Roterdão, da ADDA de Alicante, da Sinfónica do Tenerife e da Orquestra Sinfónica Presidencial da Turquia. Em 2022/23, dirige, pela primeira vez, a Orquestra Nacional de Lyon e a Sinfónica da Rádio de Praga, continuando a colaborar com formações em Paris, Toulouse, Lille, Mónaco, Rouen e Porto.

Bastien Stil foi maestro associado das produções de 2019 do Théâtre Marigny/Jean-Luc Choplin (*Funny Girl, Guys and Dolls*), com trabalho desenvolvido ao lado de Stephen Mear e dos principais artistas do West End de Londres (Ria Jones...) ou da Broadway (Christina Bianco...).

A sua discografia é igualmente significativa e inclui colaborações com a Orquestra Sinfónica Nacional da Ucrânia (Sinfonia n.º 1 de Chostakovitch e Concerto para violino de Tchesnokov com a solista Sarah Nemtanu; Klarthe Records, 2018), o Ensemble intercontemporain (*The Forgotten City* de David Hurry; Prémio Fundação Siemens 2017), a Ópera de Rouen-Normandia e a Orquestra Sinfónica de Moscovo. O cinema desempenha também um

papel relevante na sua carreira: além de ter gravado bandas sonoras originais (*Un illustre inconnu, Sahara*), foi desafiado a colaborar com Philippe Sarde no primeiro concerto sinfónico da sua música, dirigiu a Radio France num tributo a Michel Legrand (com Erik Berchot e Hervé Sellin enquanto solistas) e foi convidado para a estreia francesa da música concertante de Howard Shore na Radio France, com os solistas Raphaëlle Moreau, Henri Demarquette e Jean-Paul Gasparian.

Depois de, em 2001, ter concluído o Conservatório Nacional Superior de Música de Paris, onde conquistou as mais altas classificações, Bastien Stil deu início a uma carreira plena com várias orquestras parisienses, em contacto com os grandes maestros da actualidade (Abbado, Chung, Jaarvi, Eschenbach, Svetlanov, Mutti, Boulez). Em 2010, decidiu dedicar-se exclusivamente à direcção de orquestra e foi estudar com Neil Thomson (Royal College of Music) e John Farrer (EUA). Paralelamente, estudou repertório lírico na Ópera de Rouen-Normandia, como assistente de Antony Hermus. Em 2018, ganhou o 1.º Concurso Internacional de Direcção de Orquestra de Bucareste.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomárico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
José Despujols
Roumiana Badeva
Ianina Khmelik
Andras Burai
Vadim Feldblioum
Jorman Hernandez*
Maria Kagan
Alan Guimarães
Emília Vanguelova
José Pedro Rocha*
Ana Luísa Carvalho*
Mariana Cabral*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Karolina Andrzejczak
Lilit Davtyan
Catarina Martins
Domingos Lopes
José Paulo Jesus
Paul Almond
Pedro Rocha
Nikola Vasiljev
Joana Machado*
Raquel Santos*
Diogo Coelho*

Viola

Isabel Pereira*
Rute Azevedo
Emília Alves
Theo Ellegiers
Luís Norberto Silva
Biliana Chamlieva
Anna Gonera
Rita Costa*
Jean-Loup Lecomte
Francisco Moreira

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Michal Kiska
João Cunha
Hrant Yeranosyan
Ana Sofia Leão*
Burak Özkan*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Nadia Choi
Altino Carvalho
Pedro Barbosa*

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Telma Mota*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira
Ricardo Alves*

Fagote

Gavin Hill
Cândida Nunes
Vasily Suprunov

Trompa

José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
Pedro Góis*
Sandro Andrade*

Harpa

Ilaria Vivan
Ana Paula Miranda*

Celesta

Luís Duarte*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

